

2022.1 . Ano XXXIX . Número 43

# CALÍOPE

## Presença Clássica

*(separata 8)*



2022.1 . Ano XXXIX . Número 43

# CALÍOPE

## Presença Clássica

ISSN 2447-875X

*(separata 8)*

EDITORES

Fábio Frohwein de Salles Moniz

Rainer Guggenberger

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas  
Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
REITOR Denise Pires de Carvalho

CENTRO DE LETRAS E ARTES  
DECANA Cristina Grafanassi Tranjan

FACULDADE DE LETRAS  
DIRETORA Sonia Cristina Reis

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS  
COORDENADOR Rainer Guggenberger  
VICE-COORDENADOR Ricardo de Souza Nogueira

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS  
CHEFE Simone de Oliveira Gonçalves Bondarzuk  
SUBSTITUTO EVENTUAL Fábio Frohwein de Salles Moniz

EDITORES  
Fábio Frohwein de Salles Moniz  
Rainer Guggenberger

CONSELHO EDITORIAL  
Alice da Silva Cunha  
Ana Thereza Basílio Vieira  
Anderson de Araujo Martins Esteves  
Arlete José Mota  
Auto Lyra Teixeira  
Ricardo de Souza Nogueira  
Tania Martins Santos

CONSELHO CONSULTIVO  
Alfred Dunshirn (Universität Wien)  
David Konstan (New York University)  
Edith Hall (King's College London)  
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)  
Gabriele Cornelli (UNB)  
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)  
Isabella Tardin (Unicamp)  
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)  
Jean-Michel Carrié (EHES)  
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)  
Martín Dinter (King's College London)  
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autónoma de México)  
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)  
Zelia de Almeida Cardoso (USP) – *in memoriam*

CAPA  
Templo de Selinunte (Sicília, Itália).

EDITORAÇÃO  
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger

REVISORES DO NÚMERO 43  
Arthur Rodrigues Pereira Santos | Fábio Frohwein de Salles Moniz | Felipe Marques Maciel | Fernanda Messeder Moura | Rainer Guggenberger | Vinicius Francisco Chichurra

REVISÃO TÉCNICA  
Fábio Frohwein de Salles Moniz

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas | Faculdade de Letras – UFRJ  
Av. Horácio Macedo, 2151 – sala F-327 – Ilha do Fundão 21941-917 – Rio de Janeiro – RJ  
[www.lettras.ufrj.br/pgclassicas](http://www.lettras.ufrj.br/pgclassicas) – [pgclassicas@lettras.ufrj.br](mailto:pgclassicas@lettras.ufrj.br)

# Poggio Bracciolini e as suas traduções latinas do grego<sup>1</sup>

Stefano Pittaluga

## RESUMO

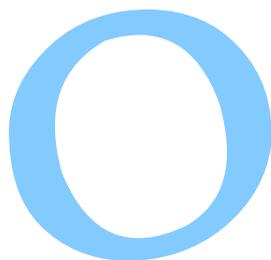
O artigo pretende examinar o método empregado por Poggio Bracciolini em suas traduções dos textos gregos (exemplos em Luciano, *Asinus*; Luciano, *Iuppiter confutatus (Cynicus)*; Diodoro Siculo, *Bibliotheca historica*; Xenofonte, *Cyropaedia*). A investigação começa a partir da comparação entre os prefácios que acompanham as traduções individuais de Poggio e analisa alguns exemplos de interpretação, comparando-os com o método de tradução de outros humanistas.

## PALAVRAS-CHAVE

Poggio Bracciolini; Humanismo; Traduções do grego; Critérios interpretativos; Cícero.

SUBMISSÃO 27.2.2023 | APROVAÇÃO 16.3.2023 | PUBLICAÇÃO 27.4.2023

DOI <https://doi.org/10.17074/cpc.v1i43.57137>



nome de Poggio Bracciolini não aparece entre os dos alunos de Manuel Crisoloras que, convidado por Coluccio Salutati, ocupou a cátedra de grego em Florença de 1397 até 1400. Mas, ainda assim, Poggio deve ter aprendido os primeiros rudimentos do grego, graças à rede de amigos que o ligava ao círculo de jovens intelectuais, os quais frequentavam aquela escola (Leonardo Bruni, Roberto de Rossi, Palla Strozzi, Jacopo Angeli da Scarperia, Pier Paolo Vergerio, de acordo com a lista fornecida pelo próprio Leonardo Bruni no seu *Commentarius*).<sup>2</sup> Compartilhava com esse círculo o seu forte interesse pela abertura dos *studia humanitatis* em direção à língua, à literatura e aos conhecimentos helênicos, compreendendo o profundo e inovador significado cultural do ensinamento de Crisoloras.<sup>3</sup> Todavia, somente muitos anos mais tarde, tendo retornado à Cúria, depois do Concílio de Constança e, após o exílio inglês, Poggio provou ser capaz de abordar diretamente a língua grega, fazendo-o graças à ajuda de seu amigo Rinuccio di Castiglion Fiorentino, de quem apreciava a cultura e o grande conhecimento de grego: “*Doctrinam laudo, sed ut peritiorem grece lingue quam latine*”<sup>4</sup> (“Louvo a [sua] cultura, que, no entanto, é mais completa na língua grega do que na latina”). Rinuccio – que tinha estudado a língua grega em Constantinopla e, mais tarde, em Creta, com o bibliófilo erudito e protopapa de Candia (atual Herakleion), Giovanni Simeonachis<sup>5</sup> – voltou do Oriente junto de Giovanni Aurispa, em 1423.<sup>6</sup> Em seguida, tendo chegado em Roma no séquito do cardeal Gabriele Condulmer, o futuro papa Eugênio IV, entrou em contato com Poggio, o qual, na epístola dirigida a Niccolò Niccoli, em 20 de novembro de 1425, expressou-se da seguinte maneira a respeito das aulas de grego ministradas a ele por Rinuccio:<sup>7</sup>

*Utor Rinucio familiarissime, ut aliquid percipiam ab eo eorum, que dudum acceperam, que penitus exciderant. Visito eum sepe, prout vaco a negotiis, Gorgiam legens atque audiens.*

Frequento [a companhia de] Rinuccio assiduamente, com o

intuito de aprender com ele aquelas noções que estudei um tempo atrás, mas que me esqueci completamente. Costumo visitá-lo quando tenho tempo livre, leio o *Górgias* [de Platão] e escuto suas lições.<sup>8</sup>

A competência de Rinuccio no campo dos diálogos platônicos foi garantida graças ao fato de que, em Constantinopla, ele traduziu para o latim e dedicou ao imperador Manuel II Paleólogo o *Críton* (embora tenha usufruído bastante de uma tradução anterior de Leonardo Bruni);<sup>9</sup> e, mais tarde, ele teria traduzido também o *Axíoco* (considerado autêntico naquela época) e o *Eutífron*. Além desses, dentre os autores gregos traduzidos por Rinuccio, um lugar relevante é ocupado por Luciano de Samósata, de quem ele trouxe para o latim o *Dialogus mortuorum*, o *Charon* (baseado em uma versão anterior anônima)<sup>10</sup> e o *Vitarum auctio*.<sup>11</sup> Essa atividade tradutória de Rinuccio, por outro lado, pertence à fortuna humanística de Luciano, cujas origens podem ser identificadas no manuscrito Vaticano grego 87, trazido a Florença por Manuel Crisoloras, “o primeiro dos códices gregos, a partir do qual começou a difusão das obras de Luciano na Itália humanística”;<sup>12</sup> difusão que, no início, foi explicada em grande parte por causa da atividade humanística de tradução para o latim. Para os trabalhos de difusão e de tradução, houve contribuições de humanistas desde as primeiras décadas do séc. xv, como de Guarino Guarini (tradutor de *Calumniia*, de *Muscae encomium* e de *De parasito*), Francesco Griffolini (tradutor de *Calumniia*), Giovanni Aurispa (a quem devemos as versões de *Dialogus mortuorum* e de *Tóxaris seu de amicitia*), Lapo da Castiglionchio o jovem (autor de numerosas versões de Luciano),<sup>13</sup> bem como os tradutores anônimos de *Charon* e de *Timon*, editados por Ernesto Berti.<sup>14</sup> Além disso, a atribuição correta da parte de Ursula Jaitner-Hahner e de Giovanna Dapelo da tradução de *Verae historiae* a Lilio Libelli Tifernate (realizada entre os anos 1439 e 1440, com o título *Verae narrationes*) é recente, muito embora um manuscrito dessa versão (*Vat. Pal. Lat.* 1552, ff. 220r-237v) atribua sua autoria a Poggio Bracciolini – uma atribuição falsa, embora compreensível e gerada pela óbvia intenção de conferir à obra uma dignidade autoral superior,<sup>15</sup> considerando o “lucianismo” de Poggio.<sup>16</sup> Por outro

lado, o seu interesse em relação a Luciano é testemunhado por numerosas citações e alusões explícitas e implícitas às obras do autor grego presentes, por exemplo, no *De infelicitate principum*, lugar no qual estão representadas, na versão latina, seis passagens lucianas de vários tamanhos, tiradas de *Timon*, *Piscator*, *Hermotimus*, *Gallus sive somnium*, *Calumnia*, *Menippus*; em *De vera nobilitate*, onde é citado o XIII *Dialogus mortuorum* e o *Hermotimus*; e, novamente, em *Contra hypocritas*, no qual aparece uma citação de *Eunuchus*. Trata-se de um interesse que se reflete também em suas traduções latinas: essa do diálogo *Iuppiter confutatus*, a qual ele intitula como *Cinicus sive de fato*; e a de *Asinus* pseudo-luciano.<sup>17</sup>

Nos anos seguintes ao período em que ele leu Platão junto a Rinuccio, Poggio se comprometeu a continuar seu estudo de língua e de literatura grega; menciona isso ao seu amigo Niccoli em uma carta datada de 28 de dezembro de 1430, na qual, referindo-se aos turbulentos acontecimentos políticos ligados à guerra com Lucca (“*Lucanum bellum*”), expõe as suas próprias intenções:<sup>18</sup>

*Mihi iam constitutum est, quid sim acturus, etiam si ea acciderint, que multi timent; id est, ut vacem grecis litteris, quas iam tanquam in umbra palpians tracto.*

Já decidi como me comportar, mesmo que os acontecimentos que muitos temem aconteçam, isto é, eu vou me dedicar à literatura grega, da qual tenho me aproximado, estudando-a quase que secretamente.

E escreve novamente sobre o mesmo assunto, mais uma vez a Niccoli, datado de 17 de outubro de 1433:<sup>19</sup>

*Ego parum otii habeo, illud vero colloco, cum possum, in litteris grecis, avocans animum a presentium atque imminentium molestiarum cogitatione.*

O pouco tempo livre que tenho dedicado, quando posso, à literatura grega, vem distraindo [minha] mente de pensar nas dificuldades presentes e iminentes.

Mais tarde, como mencionei, Poggio traduziu o *Iuppiter*

*confutatus* de Luciano sob o título *Cinicus sive de fato*, provavelmente em 1443-1444, desde o momento em que, na carta dedicatória, ele se dirigia a Tommaso Parentucelli di Sarzana (o futuro Papa Nicolau V) – a quem talvez tivesse conhecido em Ferrara na época do Concílio – com a simples fórmula “*Thomas Serezanus vir clarissimus*”, o que permite indicar como *terminus ante quem*, 27 de novembro de 1444, data da nomeação de Parentucelli como o bispo de Bolonha.<sup>20</sup>

Na carta dedicatória, Poggio expõe, pela primeira vez, os critérios que pretendia seguir durante o exercício da tradução:<sup>21</sup>

*Verti nuper in latinum, maxime te hortante, parvulum Luciani dialogum, in quo vir ille doctissimus de fato ac providentia cum ipso Iove ludere videtur. Converti autem non solum ut traductor verborum, sed etiam sententiarum interpret. Nam ubi lingue latine dignitas permisit, verba transtuli; ubi vero durius id atque asperius fieri videbatur, more meo locutus sum, ita ut sensus integer salvaretur. Est enim Grecis vernaculus quidam scribendi usus admodum dissimilis a nostra loquendi consuetudine a quo nisi paululum recedas, subasurda reddetur scribentis oratio.*

Terminei de traduzir há pouco tempo, graças sobretudo à sua exortação, um breve diálogo de Luciano, no qual aquele homem cultíssimo parece brincar com o próprio Júpiter sobre o destino e a providência. Traduzi o texto não só vertendo as palavras, mas também interpretando o seu significado. De fato, até o ponto em que a dignidade da língua latina permitia, traduzi palavra por palavra; mas onde parecia estar muito rude e áspero, escrevi de acordo com o meu gosto, de modo a conservar íntegro o sentido. É certo que o modo de escrever dos gregos possui formas muito distintas das nossas, e se delas não nos afastássemos um pouco, o discurso se tornaria sem nexos.

Antes de tudo, deve-se observar que, em tal sede de reflexão metodológica, o emprego feito por Poggio de uma expressão do campo linguístico (“*subasurda [...] oratio*”) de derivação ciceroniana (“*subabsurda dicendo*”: *De orat.* II, 289) parece intencional e adequado, porque lhe permite estabelecer uma comparação ideal entre ele próprio e Cícero, ou seja, entre as suas próprias dificuldades interpretativas e aquelas que Jerônimo atribuiu ao

próprio Cícero na tradução (para nós perdida) de *Oeconomicus* de Xenofonte:<sup>22</sup>

*Itaque – continua Poggio ostentando modéstia – non solum michi, qui sum ferme infans, sed etiam viris eloquentissimis difficillimum fuit in eiusmodi traductionibus dicendi copiam aut ornatum servare; quod et Ciceroni nostro contigisse testis est gravis auctor beatus Ieronymus.*

Portanto, não apenas para mim, que gaguejava quase nada, mas também para personagens de grande talento literário, era difícil preservar a eloquência e os ornamentos nas traduções; algo que acontecia até com nosso Cícero, como testemunha um autor sério como São Jerônimo.

Além disso, Cícero e Jerônimo foram os principais modelos teóricos antigos a quem Poggio recorreu para as suas considerações sobre formas de traduzir, mas, certamente, ele também levou em conta os modelos recentes representados não apenas por Manuel Crisoloras e Leonardo Bruni, como por seu novo mestre, Giorgio di Trebisonda. Permanece o fato de que Poggio parece oscilar entre a tradução literal ou *ad verbum* (“*ut traductor verborum*”), desde que seja possível fazê-la sem ofender o que ele define como a “*lingue latine dignitas*”; e a tradução em prol do sentido ou *ad sententiam* (“*sententiarum interpres*”).

É claro que, em comparação aos argumentos muito bem articulados de Bruni, que metodologicamente colocava no mesmo nível o texto grego de partida com o latino de chegada,<sup>23</sup> para Poggio, o texto latino parece assumir um grau mais elevado de autonomia em relação ao da língua de partida, em concordância com a proeminência cultural geral da língua latina em relação à língua grega, como concordavam os humanistas da primeira metade do séc. xv. E, de fato, ainda para evitar a rudeza ou estranheza, ele também estava disposto a se distanciar das expressões gregas que definia (talvez com um tom depreciativo) o “*vernaculus scribendi usus*”, bem como a continuar a escrever por conta própria (“*more meo locutus sum*”) com o intuito de: “[D]icendi copiam aut ornatum servare”.<sup>24</sup>

Até agora vimos a teoria. Mas o texto de *Cinicus* de Poggio,

ou seja, a tradução de *Iuppiter confutatus* – transmitido apenas no *Vat. Lat. 3082*, ff. 98v-102v – apresenta uma série significativa de mal-entendidos e de interpretações aproximativas do texto grego, as quais podem ser atribuídas não tanto a erros ou a lacunas no manuscrito de referência, nem mesmo aos desvios intencionais do tradutor em relação ao original, mas muito mais ao conhecimento ainda imperfeito do grego por parte do humanista, pelo menos, naquele momento.<sup>25</sup> E, talvez, a insistência na dedicatória sobre as dificuldades da tradução deve ter funcionado para ele como uma espécie de *excusatio* antecipada.

Nesse mesmo período de 1443/44, que remonta à tradução de *Iuppiter confutatus*, Poggio estava prestes a traduzir a *Ciropedia* de Xenofonte. Mais tarde, ele próprio ilustrou o momento e as circunstâncias dessa nova iniciativa em uma epístola enviada a Guarino Veronese, de Roma, em agosto-setembro de 1448:<sup>26</sup>

*Ego hunc librum aggressus sum olim, postquam Eugenius pontifex ad urbem rediit, hortante atque impellente eo, quem nunc pontificem habemus, virum, ut scis, omni litterarum genere prestantem.*

Há algum tempo, abordei essa obra, depois que o papa Eugênio IV retornou a Roma, graças à exortação e ao ímpeto daquele que, atualmente, é o nosso papa. Homem, como bem sabe, excelente em qualquer um dos gêneros literários.

Nessa carta, Poggio (que, como mencionado, escreveu em 1448) indica como termo *post quem* o ano de retorno a Roma do papa Eugênio IV (1443: ele tinha se afastado em 1434); e, além disso, afirma, ainda que sem dizê-lo explicitamente, que havia assumido a tarefa de traduzir a *Ciropedia* (análogo ao que aconteceu com a tradução de *Iuppiter confutatus*), graças às exortações dirigidas a ele por seu amigo Tommaso Parentucelli, antes de sua eleição a pontífice com o nome Nicolau V, em seis de março de 1447.<sup>27</sup> Pode-se também acrescentar que a referência às exortações relativas à tradução de Xenofonte retorna em 1449, na dedicatória da versão de Diodoro endereçada ao próprio Parentucelli (agora, papa Nicolau V):<sup>28</sup> “[C]um prius hortatu tuo Xenophontem De Cyri vita latinis legendum tradidissem [...]” (“Tendo dedicado a ti a tradução

latina da *Ciropedia* de Xenofonte, realizada mediante a tua exortação [...]).

Em uma longa carta encomiástica endereçada a Afonso de Aragão<sup>29</sup> na primavera de 1446, Poggio tinha ilustrado, como modelo para o “*optimus princeps*”, os *mores*, os *officia* e as *virtutes* que caracterizaram a vida de Ciro, o Grande, bem como a importância política e moral do texto *Ciropedia* de Xenofonte, considerada como uma espécie de “*speculum principis*”; ‘uma obra’ – sublinhava Poggio ao parafrasear Cícero (*ad Q. fr.* 8, 23: “*Cyrus ille a Xenophonte non ad historiae fidem scriptus sed ad effigiem iusti imperi*”) – ‘composta não com a perspectiva de estabelecer a verdade histórica, mas para indicar os ditames de um governo justo’:<sup>30</sup> “[N]on ad veritatem historie illa sed ad normam iusti imperii conscripta”. Ainda que a carta de Afonso não faça nenhuma menção explícita, naquela primavera, Poggio estava indubitavelmente terminando a sua tradução de *Ciropedia* de Xenofonte, considerando que, no mesmo verão do ano de 1446, informava ao amigo Pietro Tommasi já tê-la concluído:<sup>31</sup> “[H]istoriam Xenophontis, quam Cyri Pediam vocant, iam latinam feci”; e, no tocante ao método empregado no *vertere*, continuava nesses termos:<sup>32</sup>

*Ita vero a me traducta est, ut latina esse videatur. Non enim singula verba aut sententiolas expressi, sed scripsi more nostro ita ut sperem futurum ne contemnatur a doctis. Paucis quiescam mensibus, tum de integro limabo opusque edam volentibus legendum.*

Traduzi de modo que pareça que foi escrito em latim. Na verdade, não traduzi palavra por palavra ou frase por frase, mas escrevi de acordo com o meu gosto, de modo que posso esperar não incorrer em críticas dos estudiosos. Descansarei durante alguns meses, depois, novamente vou trabalhar a partir do arquivo e apresentarei a obra a quem quiser lê-la.

Aqui, como na dedicatória de *Cinicus* (*Iuppiter confutatus*), no *Probemium* de *Cyropaedia* e na de Diodoro, o tema de rejeição da tradução *ad verbum* em prol de autonomia da redação em relação ao original grego (“*scripsi more nostro*”: “*more meo locutus sum*”, na dedicatória de *Cinicus*; “*nostrum dicendi morem [...] secutus*”, no *Probemium* da tradução de Diodoro) tinha o intuito de produzir um texto que, por assim

dizer, “não entenda” sobre tradução, mas que pareça ao leitor ter sido originalmente escrito em latim.

Tais declarações de autonomia estão conectadas, de um lado, a uma ideia de tradução, entendida não tanto como um instrumento de divulgação da literatura grega no Ocidente latino, mas antes a uma “*aemulatio*” artística e estilística em relação ao “*auctor*” antigo; enquanto, pressupõem, por outro lado, o preconceito relativo à suposta superioridade do latim, por ser considerada uma língua mais ágil, mais elástica e mais sintética do que a língua grega, na qual Poggio se empenha para evitar a “*verbositas*” (ou prolixidade); e é assim que ele se expressava ainda em relação à tradução de *Ciropedia*, bem como em uma epístola endereçada de Roma para Francesco Accolti, no inverno de 1448/1449:<sup>33</sup>

*Certe servata rerum gravitate effugi [effusi Harth: correxi] verbositatem, qua Greci ut plurimum referti sunt, et quoad potui, hesi orationi nostrae non ut interpres verborum, sed veluti historie scriptor.*

Para conservar naturalmente a seriedade do assunto, evitei a redundância, da qual os gregos são muito propensos e, tanto quanto eu pude, mantive o nosso modo de expressão, não como um tradutor, de palavra por palavra, mas como um escritor de história.

Portanto, mesmo em sua atividade como tradutor, Poggio se apresenta como escritor de história (“*historie scriptor*”); e, de fato, também o faz na dedicatória da *Ciropedia*, depois de ter se distanciado das incômodas “*sententiolae*” (em suas palavras), típicas da língua grega; salientava, inclusive, o tema da adesão à verdade historiográfica:<sup>34</sup>

*sed historiam sum secutus, ea quandoque omittens, quae neque veritati rerum detraberent et concinne dici latine vix posse viderentur.*

[...] mas eu acompanhei os eventos históricos, por vezes, omitindo particularidades que não diminuíam em nada a veracidade dos fatos e que pareciam difíceis de explicar adequadamente em latim.

Graças à exposição dessas linhas metodológicas as quais visam evitar “*verbositas*” e “*ambages*” (“*omissa verborum [...] ambage*”, na dedicatória de Diodoro),<sup>35</sup> ou seja, a ‘tortuosidade’ da escrita grega e reivindicar ao tradutor latino uma dignidade autônoma da função de historiógrafo, igual àquela atribuída ao autor do original grego, Poggio parecia, às vezes, mascarar as dificuldades que encontrava na prática de tradução e tentava remediar, fazendo cortes e resumos do texto original. Ele, por exemplo, não tinha escrúpulos em reduzir a seis os oito livros que compõem a *Ciropedia* de Xenofonte; e, mesmo para Pietro Tommasi, que o repreendeu por esse excesso de liberdade que tomou para si, respondeu com irritação (Roma, 22 de junho de 1448):<sup>36</sup>

*Nibil enim detrabitur neque veritati rerum, neque auctoris dignitati, quin potius addi videtur.*

Na realidade, não se retira nada da verdade dos fatos, nem da dignidade do autor, pelo contrário, parece acrescentar-lhe algo.

Como evidência das características de tal atividade tradutória, seria útil proceder a uma comparação entre a tradução poggiana de *Ciropedia* com aquela realizada por Lorenzo Valla em 1438,<sup>37</sup> embora seja limitada ao primeiro livro. No entanto, como tal comparação não é possível de ser feita nos limites deste artigo, apenas observo, por exemplo, que Poggio, de forma coerente ao seu princípio de tornar o próprio texto totalmente “latino”, tentando evitar qualquer forma de grecismo, paradoxalmente vem a empregar formas perifrásticas também para vocábulos de origem grega que eram de uso comum. Esses vocábulos, portanto, não são admitidos no seu texto, enquanto Valla se limitou a transliterá-los do grego: são palavras, usadas por Xenofonte na página de abertura, como: “democracia” (*democracia* em Valla, mas definida por Poggio como “*res publicae quas populi regerent*”), “oligarquia” (*oligarchia* em Valla, mas definida por Poggio como “*civitatum status que gubernarentur per optimates*”), “monarquia” (*monarchia* em Valla, mas definida por Poggio simplesmente como *regna*).<sup>38</sup>

Na primavera de 1446, assim que terminou a tradução de *Ciropedia*, Poggio, ainda que com alguma incerteza, confidenciava a Bartolomeo Facio, que na época se encontrava junto à corte napolitana, a intenção de dedicar sua obra a Alfonso de Aragão.<sup>39</sup> No ano seguinte, Poggio finalmente dedicava a *Ciropedia* a Alfonso (como, de resto, Valla tinha feito com sua própria versão). Mas tal dedicatória estava destinada a suscitar sérias dificuldades, pois em Nápoles, os intelectuais da corte (entre os quais talvez Valla também estivesse) criticaram o método de sua tradução, chegando a colocar Poggio em maus lençóis com o rei, e, conseqüentemente, o monarca não o gratificou com os vencimentos que esperava. No outono de 1447, Alfonso, sob o pretexto de trazer ajuda ao ducado de Milão, havia guerreado contra Florença com um forte exército de onze mil homens, e Poggio, por causa de sua dedicatória, foi acusado de cultivar interesses pro-aragoneses.<sup>40</sup> Foram esses os motivos privados e públicos que levaram Poggio a cancelar o nome do rei Alfonso do *titulus* e do *prohemium* dedicatório em todos os manuscritos já circulantes de sua *Ciropedia* aos quais conseguiu ter acesso.<sup>41</sup> Assim, ele escrevia, amargurado, ao seu amigo Tommasi, em julho de 1448:<sup>42</sup>

*nomen [scil. Alfonsi] delevi ex ceteris exemplaribus, ut cuius bono regi vel principi dicatum fuisse opus intelligere homines possint.*

Apaguei o nome [de Alfonso] de todos os outros exemplares para que possam compreender que a obra foi dedicada a todos os reis e a todos os príncipes virtuosos.

Mas, depois que, em 2 de junho de 1450, foi assinada a paz entre Nápoles e Florença, Poggio finalmente recebeu “do rei uma recompensa adequada por seu esforço e o nome de Alfonso foi restaurado no final da versão da *Ciropedia*”.<sup>43</sup>

De fato, evidências claras dessa operação de rasura e a posterior reintegração do nome do rei podem ser encontradas no manuscrito *Laurenziano Pluteo* 45,16, um manuscrito que pertenceu à biblioteca pessoal de Poggio (LIBER POGGI SECRETARIJ) e trazia anotações autografadas; ele foi copiado em 1o. de abril de 1447 por Giovanni da Pontremoli – conforme o *colophon* no f. 98r, mas o

nome do copista está rasurado ou apagado. No *titulus*, em f. 1r: “*Prohemium in Historiam Xenophontis De Cyri vita a Poggio Florentino edita Ad illustrissimum principem Alfonso Aragonum regem*”, a fórmula da dedicatória “*Ad illustrissimum principem Alfonso Aragonum regem*”, de fato, aparece reescrita com traços evidentes de rasura (figura 1a).

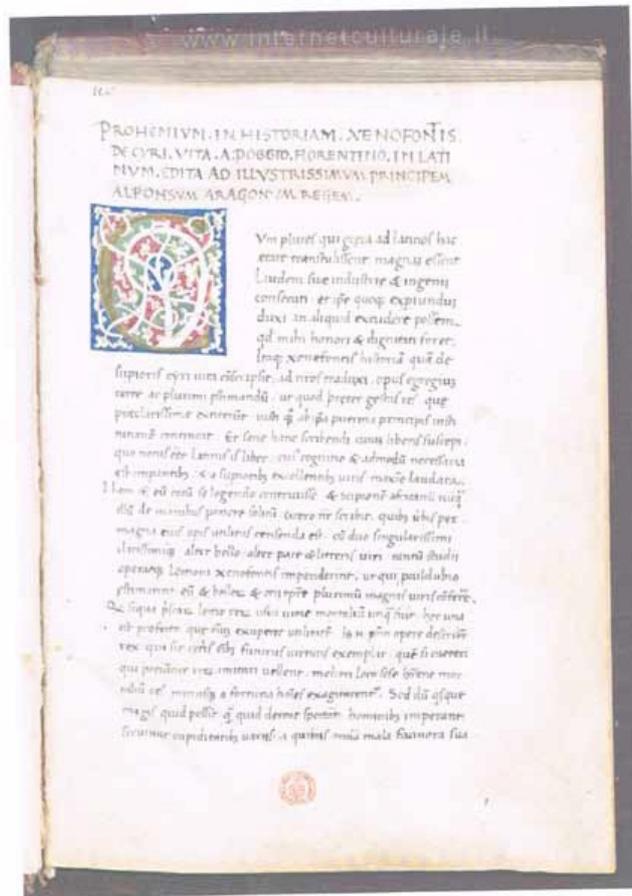


Figura 1a: Florença, *Laurenziano Pluteo* 45,16, f. 1r.

E, além disso, dentro do texto do *Probemium*, f. 2r, na expressão “*tu mihi princeps praeclarissime prae caeteris occurristi*”, a palavra “*princeps*” está escrita (provavelmente pela própria mão de Poggio) acima de uma rasura, na qual o nome de Alfonso ainda pode ser lido: “*Alfonse rex*” (figura 1b).

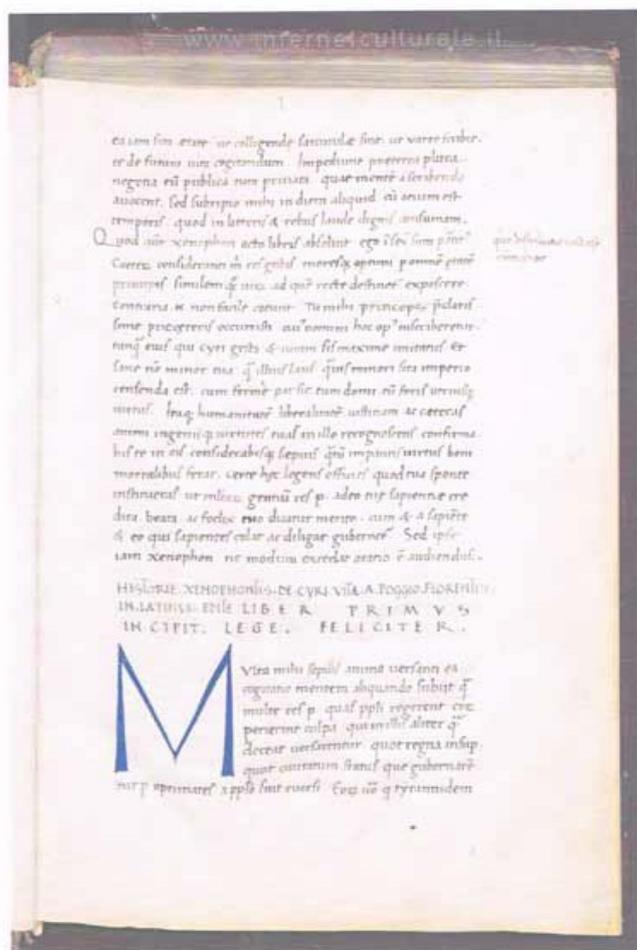


Figura 1b: Florença, Laurenziano Pluteo 45,16, f. 2r.

Por outro lado, no *titulus* do manuscrito *Laurenziano Pluteo* 45,22, o nome do homenageado está completamente omitido,



famílias de manuscritos: de um lado, os exemplares que direta ou indiretamente derivam do manuscrito original e foram produzidos antes do outono de 1447, nos quais a dedicatória a Alfonso está presente, ou depois de junho de 1450, em que a dedicatória aparece novamente; e, do outro lado, a família de manuscritos que transmite os resultados da autocensura de Poggio (realizada nesse mesmo período entre 1447 e 1450), nos quais, ao invés, o nome de Alfonso não aparece.<sup>44</sup>

Enquanto isso, no inverno entre 1448 e 1449, Poggio iniciava a tradução dos primeiros cinco livros da *Bibliotheca historica*, de Diodoro Siculo.<sup>45</sup> Entre agosto e o início de setembro de 1449, ele se preparava para fazer a última revisão da obra e para corrigi-la,<sup>46</sup> para então a concluir em dezembro do mesmo ano.<sup>47</sup> As traduções de Xenofonte e de Diodoro têm em comum a participação de três personalidades que, embora em funções diferentes, tornaram possível a empreitada de Poggio; vale destacar os nomes de Tommaso Parentucelli (Nicolau V), Giorgio di Trebisonda e Cristoforo Garatone. Já mencionei antes a importância das exortações de Tommaso Parentucelli, que se mostraram cruciais para a decisão de Poggio de traduzir o *Iuppiter confutatus* e, quase ao mesmo momento, a *Ciropedia*. E, até mesmo para traduzir Diodoro, ele foi induzido pelo já papa Nicolau V, que o recrutou como parte do grandioso projeto de traduzir a literatura clássica e patrística grega para o latim, encarregando-o da tradução dos livros I-V (ao passo que os livros XI-XV foram confiados a Iacopo di San Cassiano).<sup>48</sup>

Quanto a Giorgio di Trebisonda, que a partir de 1444 entrou na Cúria na qualidade de secretário apostólico,<sup>49</sup> Poggio lhe escreveu em 17 de fevereiro de 1450, declarando a ele o seu reconhecimento por toda a ajuda que recebeu por ocasião das traduções de Xenofonte e de Diodoro:<sup>50</sup>

*Debeo enim tibi plurimum, qui mihi adiutor precipuus fueris in translationibus meis.*

Devo-te tanto, porque você me ajudou mais do que ninguém com as minhas traduções.

Mas, depois do rompimento entre os dois, ocorrido alguns

anos depois, o Trapezunzio não deixou de censurá-lo por sua ignorância do grego, bem como pela ajuda prestada.<sup>51</sup>

Enfim, graças à paixão do bibliófilo Cristoforo Garatone, secretário pontifício e diplomata no Oriente, bem como a sua atividade como importador de livros gregos de Constantinopla,<sup>52</sup> Poggio talvez tivesse a possibilidade de ter a sua disposição o manuscrito de Xenofonte que parece ter empregado como fonte para a sua tradução (o manuscrito *Vat. Chigiano* R.vi 41); seja aquela de Diodoro, sobre a qual parece certo que ele redigiu a versão latina (*Vat. gr.* 995, mas também se valendo da versão de Laurent. Plut. 70,16).<sup>53</sup>

Acrescento, por último, algumas anotações sobre a última tradução feita por Poggio, a saber, a de *Asinus* pseudo-luciano (*Lúcio, o asno*), datada de 1450/51.<sup>54</sup> No início do proêmio-dedicatória a Cosimo de Medici,<sup>55</sup> Poggio faz referência a uma passagem de *De civitate Dei* (xviii, 18), na qual Agostino, no tocante a uma aparente história autobiográfica de Apuleio sobre a transformação do protagonista em asno, de forma habilidosa, parecia levantar o problema da ambiguidade entre a realidade e a imaginação.<sup>56</sup> Da mesma forma, Poggio apropria-se do enigma velado que está na expressão agostiniana “*aut indicavit, aut finxit*”:<sup>57</sup>

[...] *beati Augustini verba, qui in xviii de civitate Dei, cum de transmutationibus hominum in varias formas loqueretur, inquit: “Sicut<sup>58</sup> Apuleius in libris quos Asini aurei titulo inscripsit sibi ipsi accidisse, ut accepto veneno humano permanente animo<sup>59</sup> asinus fieret, aut indicavit, aut finxit”. Itaque in ea sententia permanebam, hanc totam vel veram, vel fictam rem Apuleio<sup>60</sup> esse tribuendam.*

[...] [cito] as palavras de santo Agostinho que, no livro xviii de *De civitate Dei*, falando das metamorfoses dos homens em várias formas, disse: “Como Apuleio mostrou ou imaginou que aconteceu o mesmo com ele no livro intitulado *O asno de ouro*, quando, depois de ter ingerido veneno, transformou-se em asno, permanecendo homem apenas em sua alma”. Sendo assim, fiquei achando que toda aquela história, verdadeira ou imaginária, tinha realmente ocorrido com Apuleio.

Mas a impressão é que, para os intentos de Poggio, a

citação de santo Agostinho funcionava, sobretudo, para efeito de algumas considerações filológico-literárias. Obtendo o texto de *Asinus* (Λούκιος ἢ Ὄνος) – cuja autoria pertence a Luciano sem a menor dúvida – e, pretendendo traduzi-lo, Poggio percebe a coincidência entre a trama principal de *Asinus* e a de *Metamorfosi* de Apuleio (que, como Agostinho, ele também denominava “*Asinus aureus*”) e, dessa forma, conclui que Apuleio deve ter indubitavelmente tirado essa história diretamente de Luciano ou – ele acrescenta – “de outro autor grego que a tenha inventado” (“*ut haud dubium sit ab Luciano aut alio ex Graecis eam fabellam adinventam*”).<sup>61</sup> Na realidade, Poggio não especifica a qual outro autor grego estava se referindo, mas, como não se sabe se ele tinha acesso e poderia ler a *Bibliotheca* do patriarca bizantino Fócio (96b, 129), obra na qual poderia ter encontrado uma referência ao misterioso Lucio di Patre – autor da *Metamorfosi* grega –, acredito que é possível ao menos dar crédito a ele por ter intuído e levantado, ainda que não o tenha resolvido, o problema complexo que existe entre o pseudo-Luciano e o Apuleio.

Para concluir, gostaria de me deter brevemente nos princípios metodológicos declarados por Poggio no que diz respeito à técnica para traduzir. A partir da dedicatória na tradução de *Iuppiter confutatus* (*Cinicus*), Poggio indicava implícita e idealmente a prática tradutória de Cícero como modelo determinante na percepção de *vertere ad sensum* (o *ad sententiam*) e não *ad verbum*. Mas é no proêmio-dedicatória de *Ciropedia* que Poggio declara sua consonância com os métodos seguidos por Cícero no capítulo de *De senectute*, dedicado à oração do moribundo Ciro e traduzido de Xenofonte. Cícero traduz esse texto segundo a sua própria sensibilidade (“*suo more*”), como Poggio<sup>62</sup> destaca:

*acceptam sententiam suo more traducit, tum addens, tum mutans quaedam, tum vero omittens, quo disertior fiat oratio.*

[Cícero] traduz o texto de origem segundo a sua própria sensibilidade, ora acrescentando, ora mudando alguma coisa, ora omitindo, com o intuito de que o discurso fique mais claro e preciso.

E é justamente com essa perspectiva em mente que Poggio, por sua vez, traduz a oração de Ciro, tendo em mãos e em vista a versão livre *ad sensum* realizada por Cícero. Como prova, transcrevo uma pequena passagem: 1) primeiro, o texto de Xenofonte; 2) depois, a versão de Cícero; 3) e, por fim, a de Poggio:

1)

[21] ἐνοήσατε δ', ἔφη, ὅτι ἐγγύτερον μὲν τῶν ἀνθρωπίνων θανάτῳ οὐδὲν ἔστιν ὕπνου· ἡ δὲ τοῦ ἀνθρώπου ψυχὴ τότε δήπου θειοτάτη καταφαίνεται καὶ τότε τι τῶν μελλόντων προορᾷ· τότε γάρ, ὡς ἔοικε, μάλιστα ἐλευθεροῦται. [22] εἰ μὲν οὖν οὕτως ἔχει ταῦτα ὡσπερ ἐγὼ οἶομαι καὶ ἡ ψυχὴ καταλείπει τὸ σῶμα, καὶ τὴν ἐμὴν ψυχὴν καταιδούμενοι ποιεῖτε ἅ ἐγὼ δέομαι· εἰ δὲ μὴ οὕτως, ἀλλὰ μένουσα ἡ ψυχὴ ἐν τῷ σώματι συναποθνήσκει, ἀλλὰ θεοῦς γε τοὺς αἰεὶ ὄντας καὶ πάντ' ἐφορῶντας καὶ πάντα δυναμένους, οἳ καὶ τήνδε τὴν τῶν ὄλων τάξιν συνέχουσιν ἀτριβὴ καὶ ἀγήρατον καὶ ἀναμάρητον καὶ ὑπὸ κάλλους καὶ μεγέθους ἀδιήγητον, τούτους φοβούμενοι μήποτ' ἀσεβὲς μὴδὲν μὴδὲ ἀνόσιον μὴτε ποιήσητε μὴτε βουλεύσητε (Xen. *Cyropaedia* VIII, 7, 21-22).

[21] E considerai – acrescentou – que nenhuma experiência humana é mais parecida com o sono do que a da morte; e, no entanto, agora, evidentemente, como nunca antes, porque atinge a máxima independência do corpo, a alma de um homem revela a sua natureza divina e prediz, até certo ponto, eventos futuros. [22] Assim, se as coisas são como eu penso e a alma se limita a abandonar o corpo, faça também o que te rogo por respeito a minha alma. Se, ao contrário, não for assim e a alma permanecer no corpo e morrer com ele, pelo menos, por medo dos deuses eternos, os quais tudo veem, tudo podem e mantêm inalterável, inextinguível, impecável essa ordem universal de indescritível beleza e magnificência, ao menos, por medo dos deuses, nunca faça e nem pense em ações ímpias ou iníquas.

2)

*Iam vero videtis nihil esse mortis tam simile quam somnum; atqui dormientium animi maxime declarant divinitatem suam: multa enim, cum remissi et liberi sunt, futura prospiciunt. Ex quo intellegitur quales futuri sint, cum se plane corporum vinculis relaxaverint. Quare, si haec ita sunt, sic me colitote, inquit, ut deum;*

*sin una est interiturus animus cum corpore, vos tamen, deos verentes, qui hanc omnem pulchritudinem tuentur et regunt, memoriam nostri pie inviolateque servabitis* (Cic. *De sen.* XXII, 81).

E, mais uma vez, vós vedes que nada se parece com a morte como o sono. Bem, a alma de quem dorme manifesta da melhor maneira a sua natureza divina: relaxada e livre, de fato, ela prevê muitas coisas futuras. Assim, compreendemos como será a alma uma vez libertada das amarras do corpo. Portanto, se esse for o caso, honre-me – diz ele – como um deus. Se, ao contrário, a alma parecer com o corpo, tu, todavia, respeitoso com os deuses que guardam e mantêm todo esse esplendor, conservará a memória sobre mim com devoção e respeito.

3)

*Illud vero certissimum est nihil similis esse morti quam somnum. At hominis animus tunc etenim precipue liber est maxime cum frui divinitate videtur ac futura prospicere. Sive igitur, ut ego existimo, immortalis seiuncta a corpore anima est, colentes animam meam hec servate; sive una cum corpore interit, tamen immortales deos, qui omnia vident, omnia possunt et hunc rerum ordinem continent immutabilem atque eternum, cuius pulchritudo magnitudoque ineffabilis est, timete, nihil impurum neque scelestum cogitantes neque agentes* (Poggio Bracciolini, Xenophontis *De Cyri vita* – ms. Laurent. Pl. 45,16, f. 96r).

É um fato absolutamente certo que nada é mais parecido com a morte do que o sono. É, na verdade, nesse momento, que a alma do homem é livre, justamente quando ele parece estar desfrutando do melhor modo de sua natureza divina e prevendo o futuro. Se, portanto, for como penso – a alma é imortal e está separada do corpo –, honre a minha alma e faça o que eu te rogo. Se, ao contrário, a alma morre junto do corpo, todavia, sem meditar e nem realizar atos ímpios ou perversos, temei os deuses, os quais tudo veem, tudo podem e conservam inalterável e eterna essa ordem universal, inefável em beleza e grandeza.

Não tenho a intenção de fazer comentários, nem uma comparação analítica entre o texto xenofonteano da oração sobre o moribundo Ciro e as duas versões latinas citadas (a tradução de Francesco Filelfo, concluída em 1468, também deve ser levada em

consideração); limito-me, dessa forma, a assinalar em itálico a coincidência entre Poggio e Cícero na breve parte do texto que mostrei. Contudo, do texto de Poggio, emerge não apenas uma confirmação de seu sistema de tradução (segundo a fórmula que ele expressou a primeira vez em *Cinicus*: “*non solum ut traductor verborum, sed etiam sententiarum interpret*”<sup>63</sup> “Traduzi o texto não traduzindo as palavras, mas sim interpretando seu significado”), mas, nesse caso específico, também está manifestada uma atenção especial tanto ao método quanto ao léxico usado em *De senectute*. E é justamente olhando para Cícero que ele tem a oportunidade de homenagear o antigo mestre, bem como, apontando-o como modelo metodológico, encontrar justificativa para a sua própria teoria e para sua própria prática de tradutor de literatura grega.

RIASSUNTO

Il contributo intende esaminare il metodo impiegato da Poggio Bracciolini nelle sue traduzioni dei testi greci (Ps. Luciano, *Asinus*; Luciano, *Iuppiter confutatus (Cynicus)*; Diodoro Siculo, *Bibliotheca historica*; Senofonte, *Cyropaedia*). L'indagine prende le mosse dal confronto fra i testi prefatori che accompagnano le singole traduzioni poggiane e analizza alcuni esempi di interpretazione raffrontati con il metodo versorio di altri umanisti.

PAROLE CHIAVE

Umanesimo; Traduzioni dal greco; Criteri interpretativi; Cicerone.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOCELLA, Mariantonietta. **La fortuna di Luciano nel Rinascimento: il volgarizzamento del manoscritto Vaticano Chigiano L. VI.215**. Edizione critica dei volgarizzamenti delle “Storie vere”. Milano: Edizioni Universitarie di Lettere Economia Diritto, 2016.

ALBANESE, Massimiliano. **Gli storici classici nella biblioteca latina di Niccolò v**: con edizione e commento degli interventi autografi di Tommaso Parentucelli. Roma: Roma nel Rinascimento, 2003.

BERTI, Ernesto; CAROSINI, Antonella. **Il “Critone” latino di Leonardo Bruni e di Rinuccio Aretino**. Firenze: Leo S. Olschki, 1983.

BERTI, Ernesto (ed.). **Luciano di Samosata, “Caronte”, “Timone”**: Le prime traduzioni. Firenze: SISMEL – Edizioni del Galluzzo, 2006.

AMMELLI, Giuseppe. **I dotti bizantini e le origini dell’Umanesimo**: I. Manuele Crisolora. Firenze: Vallecchi, 1941.

CARINI, Corrado (ed.). Una traduzione latina inedita di Poggio Bracciolini. **Giornale Italiano di Filologia**, xxvi, 1974, p. 263-277.

COHEN-SKALLI, Marcotte; COHEN-SKALLI, Aude; MARCOTTE, Didier. Poggio Bracciolini, la traduction de Diodore et ses sources manuscrites. **Medioevo Greco**, xv, 2015, p. 63-107.

CORTESI, Mariarosa. La tecnica del tradurre presso gli Umanisti. In: LEONARDI, Claudio; MUNK OLSEN, Birger (ed.). **The Classical Tradition in the Middle Ages and the Renaissance**. Spoleto: Centro Italiano di Studi sull’Alto Medioevo, 1995, p. 143-168.

DAPELO, Giovanna; ZOPPELLI, Barbara (ed.). **Lilio Tifernate**: Luciani De veris narrationibus. Genova: Università di Genova – DARFICLET, 1998.

DAPELO, Giovanna. Benedetto Bordon editore di Luciano: il “De veris narrationibus” dall’archetipo al “textus vulgatus”. **Medioevo e Rinascimento**, ix, n.s. vi, 1995, p. 233-259.

DAPELO, Giovanna. La traduzione umanistica della “Storia vera” di Luciano tra Poggio Bracciolini e Lilio Tifernate. **MAIA**, xlvi, 1996, p. 65-82.

DI PIERRO, Carmine (ed.). **Leonardi Aretini Rerum suo tempore gestarum commentarius [RIS<sup>2</sup>, XIX, 3]**. Bologna: Zanichelli, 1926.

DOMBART, Bernardus; KALB, Alphonsus (ed.). **Sancti Aurelii Augustini De Civitate Dei**. Turnhout: Brepols, 1955. 2 v.

EUBEL, Konrad. **Hierarchia Catholica Medii Aevi**, II. Monasterii: Sumptibus et typis Librariae Regensbergianae, 1914.

FUBINI, Riccardo (a cura di). **Poggio Bracciolini**: opera omnia. Torino: Bottega d'Erasmus, 1964-1969. v. I-IV.

HANKINS, James. **Plato in the Italian Renaissance**. Brill, Leiden-London 1990. 2 v.

HANKINS, James (ed.). **Leonardo Bruni**: De temporibus suis., Mass.: Harvard University Press; London: Cambridge, 2007, p. 300-397.

HARTH, Helene (ed.). **Poggio Bracciolini**: Lettere. Firenze: Leo S. Olschki Editore, 1984-1987. 3 v.

JAITNER-HAHNER, Ursula. **Humanismus in Umbrien und Rom**: Lilius Tifernas, Kanzler und Gelehrter des Quattrocento. Baden-Baden: Verlag Valentin Koerner, 1993. 2 v.

\_\_\_\_\_. La traduzione latina delle "Storie vere" di Luciano e le sue vicende attraverso i secoli. In: MAISANO, Riccardo; ROLLO, Antonio (a cura di). **Manuele Crisolora e il ritorno del greco in Occidente**: Atti del Convegno Internazionale (Napoli, 26-29 giugno 1997). Napoli: Istituto Universitario Orientale, 2002. p. 283-312.

\_\_\_\_\_. Libelli, Lilio. In: **Dizionario Biografico degli Italiani**. Roma: Istituto dell'Enciclopedia Italiana, 2005. p. 19-25. v. LXV.

LAUVERGNAT-GAGNIÈRE, Christiane. **Lucien de Samosate et le lucianisme en France au XVI<sup>e</sup> siècle**: Athéisme et polémique. Librairie Droz, Genève, 1988.

LOCKWOOD, Dean Putman. De Rinucio Aretino Graecarum litterarum interprete. **Harvard Studies in Classical Philology**, n. 24, 1913, p. 51-109.

LOOMIS, Louise Ropes. The Greek Studies of Poggio Bracciolini. In: **Medieval Studies in Memory of Gertrude Schoepperle Loomis**. Paris: H. Champion; New York: Columbia University Press, 1927, p. 489-512. (rist. anast. Slatkine Reprints, Genève 1974).

MACLEOD, Matthew Donald (ed.). **Luciani Opera**. Oxford: Oxford University Press, 1972-1987. v. I-IV.

MAISANO, Riccardo; ROLLO, Antonio (a cura di). Manuele Crisolora e il ritorno del greco in Occidente. **Atti del Convegno Internazionale**. Napoli: Istituto Universitario Orientale, 2002. (Napoli, 26-29 giugno 1997).

MARSH, David (ed.), Poggio and Alberti. Three Notes. I. Poggio and Lucian: the Dialogue "Cinicus". **Rinascimento**, Seconda serie, XXIII, 1983, p. 189-215: 189-197.

\_\_\_\_\_. Lucian and the Latins: Humor and Humanism in the Early Renaissance. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1998.

\_\_\_\_\_. Lorenzo Valla in Naples: the Translation from Xenophon's "Cyropaedia". **Bibliothèque d'Humanisme et Renaissance**. XLVI, 1984, p. 407-420.

\_\_\_\_\_. Xenophon. in: **Catalogus Translationum et Commentariorum**, Washington: The Catholic of America University Press, 1992. p. 75-196. v. VII.

MATTIOLI, Emilio. **Luciano e l'Umanesimo**. Napoli: Istituto Italiano per gli Studi Storici in Napoli, 1980.

MERCATI, Silvio Giuseppe. Di Giovanni Simeonachis, protopapa di Candia. in: **Miscellanea Giovanni Mercati**. Città del Vaticano: Biblioteca Apostolica Vaticana, 1946, p. 312-341. v. III.

MONFASANI, John. **George of Trebizond: a Biography and a Study of his Rhetoric and Logic**. Leiden: E.J. Brill, 1976.

MORO, Giacomo. Garatone, Cristoforo. In: **Dizionario Biografico degli Italiani**. Roma: Istituto dell'Enciclopedia Italiana, 1999. p. 234-238. v. LIII.

NICOLINI, Lara (a cura di). **Apuleio: Le Metamorfosi o L'asino d'oro**. Milano: BUR-Rizzoli, 2005. (rist. 2016).

PESCE, Luigi. Cristoforo Garatone trevigiano, nunzio di Eugenio IV. **Rivista di Storia della Chiesa in Italia**, n. XXVIII, 1974, p. 23-93.

PILLOLLA, Maria Pasqualina (ed.). **Rinucius Aretinus: Fabulae Aesopicae**, Genova: Università di Genova; DARFICLET, 1993. ("Favolisti latini medievali e umanistici", IV).

PILLOLLA, Maria Pasqualina. Infidus interpres. In: CORTESI, Mariarosa (a cura di). **Tradurre dal greco in età umanistica: metodi e strumenti**. Firenze: SISMEL; Edizioni del Galluzzo, 2007. p. 45-61.

PITTALUGA, Stefano. Fasi redazionali e primi lettori delle "Facezie" di Poggio Bracciolini. **ID.:** Avvisi ai naviganti. Napoli: Liguori, 2014. p. 147-160.

PITTALUGA, Stefano. Lilio Tifernate traduttore della "Storia vera" di Luciano. In: BUTCHER, John; CZORTEK, Andrea; MARTELLI, Matteo (a cura di). **Gregorio e Lilio: Due Tifernati protagonisti dell'Umanesimo italiano**. Umbertide: Digital Editor-Centro Studi "Mario Pancrazi", 2017. p. 249-262.

POMARO, Gabriella. Codici di Diodoro Siculo in latino: traduttori e dediche. **Filologia Mediolatina**, n. XVII, 2010, p. 151-175.

SACCARDI, Laura. Per l'edizione della traduzione della "Ciropedia" di Senofonte. In: REGOLIOSI, Mariangela (a cura di). **Pubblicare il Valla**. Firenze: Polistampa, 2008. p. 433-436.

\_\_\_\_\_. **Lorenzo Valla**: Traduzione della “Ciropedia” di Senofonte. Edizione critica. Tesi di Dottorato di Ricerca in Civiltà dell’Umanesimo e del Rinascimento. Università di Firenze 2013.

SIDERI, Cecilia. Diodoro Siculo fra latino e volgare: prime ricerche sui volgarizzamenti umanistici e sul manoscritto Troiti 301 della Biblioteca Ambrosiana di Milano. **StEFI**: Studi di Erudizione e di Filologia Italiana, V, 2016, p. 105-174.

SIDWELL, Keith. Manoscritti umanistici di Luciano, in Italia, nel Quattrocento. **Studi Umanistici Piceni**, n. VI, 1986, p. 241-253.

STRINATI, Maria Gabriella. Traduzioni quattrocentesche della “Storia vera” di Luciano. **Atti e Memorie della Accademia Patavina di Scienze, Lettere e Arti**, n. CVIII/3, 1994-1995. p. 5-18.

VITI, Paolo (a cura di). **Leonardo Bruni**: opere letterarie e politiche. Torino: UTET, 1996. p. 145-193.

\_\_\_\_\_. **Leonardo Bruni**: Sulla perfetta traduzione. Napoli: Liguori Editore 2004.

WALSER, Ernst. **Poggius Florentinus**: Leben und Werke. Leipzig; Berlin: Teubner, 1914. (rist. anast. Olms Verlag, Hildesheim; New York, 1974).

WILSON, Nigel G. **Da Bisanzio all’Italia**: gli studi greci nell’umanesimo italiano. Alessandria: Edizioni dell’Orso, 2000. (Edizione originale: **From Byzantium to Italy**: Greek Studies in the Italian Renaissance. London: Duckworth, 1992).

<sup>1</sup> Tradução do italiano para o português feita pela profa. dra. Simone de Oliveira Gonçalves Bondarczuk (PPGLC-UFRJ) e por Camille Pezzino Gonçalves Pereira. Uma versão parcialmente distinta foi publicada pelo autor em italiano sob o título “*Poggio Bracciolini traduttore*”, em *La traduzione latina dei classici greci nel Quattrocento in Toscana e in Umbria*, pela ocasião do 575º aniversário da morte de Leonardo Bruni (9 de março de 1444), organizada por J. Butcher e G. Firpo (Biblioteca del Centro Studi “Mario Pancrazi”), University Book di Digital Editor, Umbertide, 2020, p. 173-192.

<sup>2</sup> Cito a passagem do *Commentarius* de Leonardo Bruni, segundo a edição publicada por HANKINS, 2007, p. 322, 26: “*Condiscipulos habui plures, sed, qui maxime profecerint, duos ex nobilitate florentina, Robertum Ruffum et Pallam Honofrii filium Strozzam. Erat insuper in eadem disciplina Iacobus quidam Angeli, qui auctor imprimis fuerat Chrysolorae arcessendi. Accessit quoque postmodum Petrus Vergerius Iustinopolitanus, qui, cum Patavii studio floreret, secutus Chrysolorae fama Florentiam contulerat ad eum audiendum*”. Cf. ainda DI PIERRO, 1926, p. 432.

<sup>3</sup> Cf. WALSER, 1914, p. 228-232; CAMELLI, 1941; WILSON, 2000, p. 9-15 e *passim*; MAISANO; ROLLO, 2002.

<sup>4</sup> HARTH, 1984-1987, I, p. 139, 12-13.

<sup>5</sup> Cf. MERCATI, 1946; LAUVERGNAT-GAGNIÈRE, 1988, p. 30-31.

<sup>6</sup> Sobre Rinuccio di Castiglion Fiorentino (conhecido também como Rinuccio Aretino) e sobre a sua atividade como tradutor cf., pelo menos, LOCKWOOD, 1913; HANKINS 1990, p. 85-89; PILLOLLA, 1993, p. 11-50; PILLOLLA, 2007.

<sup>7</sup> HARTH, 1984-1987, I, p. 139, 3-6.

<sup>8</sup> Todas as traduções do latim são do autor deste artigo.

<sup>9</sup> Cf. BERTI, 1983.

<sup>10</sup> Cf. BERTI, 2006, p. xxxviii-xxxix.

<sup>11</sup> LAUVERGNAT-GAGNIÈRE, 1988, p. 30-32.

<sup>12</sup> BERTI, 2006, p. xii.

<sup>13</sup> LAUVERGNAT-GAGNIÈRE, 1988, p. 25-30; 34-35; MATTIOLI, 1980, p. 39-70; MARSH, 1998. A respeito da fortuna crítica de Luciano nos vernáculos renascentistas cf. além desses ACOCELLA, 2016.

<sup>14</sup> BERTI, 2006.

<sup>15</sup> A atribuição de *Verae narrationes* a Lilio Tifernate é sustentada com bons argumentos, entre outros, por MATTIOLI, 1980, p. 68; SIDWELL, 1986, p. 245; 251, n. 44; JAITNER-HAHNER, 1993, I, p. 270-289, STRINATI, 1994-95, p. 10-11; DAPELO, 1995; DAPELO, 1996, p. 74; DAPELO; ZOPPELLI, 1998, p. 11-25; JAITNER-HAHNER, 2002, p. 296-297; JAITNER-HAHNER, 2005, p. 21; PITTALUGA, 2017, p. 250-252.

<sup>16</sup> Sobre “lucianismo” de Poggio cf. MATTIOLI, 1980, p. 127-135.

<sup>17</sup> Cf. PITTALUGA, 2017, p. 250.

<sup>18</sup> HARTH, 1984-1987, I, p. 200, 101-104; LOOMIS, 1927, p. 492.

<sup>19</sup> Idem, *ibidem*, p. 205, 26-29; LOOMIS, 1927, p. 492.

<sup>20</sup> EUBEL, 1914, II, App. I, p. 108. Para a datação de 1443-1444, cf. FUBINI, 1964-1969, vol. IV, p. 661; MARSH, 1983, p. 189; CARINI, 1974, p. 263-264; SIDWELL, 1986, p. 245: “antes de 1444”. Edições de *Cinicus*: CARINI, 1974; MARSH, 1983, p. 189-197, da qual cito.

<sup>21</sup> MARSH, 1983, p. 192.

<sup>22</sup> *Vi*. A referência de Poggio é a *Hieronym. Interpretatio Chronicae Eusebii Pamphili*, Praef, coll. 33-35 (P.L. XXVII).

<sup>23</sup> Cfr. VITI, 1996; VITI, 2004.

<sup>24</sup> Em geral, em relação aos enunciados teóricos e a prática tradutória dos Humanistas cf. CORTESI, 1995 (sobre Poggio: p. 148-149; sobre Bruni: p. 156-158).

<sup>25</sup> MARSH, 1983, p. 190-191.

<sup>26</sup> HARTH, 1984-1987, III, p. 81, 23-25; LOOMIS, 1927, p. 495.

<sup>27</sup> As palavras de Poggio relativas às exortações endereçadas a Tommaso Parentucelli, depois ao papa Nicolau V, não se prestam a equívocos: “[...] *postquam Eugenius pontifex ad urbem rediit, hortante atque impellente eo, quem nunc pontificem habemus [...]*”; e, portanto, é enganosa a alegação de COHEN-SKALLI, MARCOTTE, 2015, p. 64, no seu ensaio concernente a tradução de Diodoro Sículo por Poggio Bracciolini, segundo o qual “*la Cyropédie de Xénophon a été la première oeuvre importante qu’il a traduite, à la demande expresse d’Eugène IV (1431-1447)*”: um descuido que só pode ser explicado como gerado pela concordância errônea do pronome *eo* com *Eugenius*, em vez de concordar com o pronome relativo: *quem* [...] *habemus*.

<sup>28</sup> FUBINI, 1964-1969, vol. IV, p. 682.

<sup>29</sup> HARTH, 1984-1987, III, p. 7-14.

<sup>30</sup> Idem, *ibidem*, p. 11, 146-147.

<sup>31</sup> Idem, *ibidem*, p. 37, 145-146, tendo sido conservada, como disse imediatamente depois, uma revisão geral do texto com a eventual necessidade de alguns aperfeiçoamentos.

<sup>32</sup> Idem, *ibidem*, p. 37, 146-150.

<sup>33</sup> Idem, *ibidem*, p. 83, 19-22.

<sup>34</sup> FUBINI, 1964-1969, vol. IV, p. 676.

<sup>35</sup> Idem, *ibidem*, p. 682.

<sup>36</sup> HARTH, 1984-1987, III, p. 69, 7-9.

<sup>37</sup> Edições em MARSH, 1984; SACCARDI, 2013; cf. também SACCARDI, 2008. Sobre as traduções de Xenofonte do Humanismo cf. MARSH, 1992.

<sup>38</sup> MARSH, 1984, p. 409. Cito a tradução de Poggio do manuscrito *Laurentianus Pl. 45*, 16, f. 2r-v.

<sup>39</sup> HARTH, 1984-1987, III, p. 24, 39-41: “*Cyrum Xenophontis absolvi, quem cui dedicem incertus sum; multi enim multa suadent, prout quenque animi affectio trahit. Ceterum rex tuus litteris deditus est pre ceteris regibus orbis, et in talem regem hic liber, ubi agitur de institutione iusti principis, optime quadrare*”.

<sup>40</sup> WALSER, 1914, p. 232-234; FUBINI, 1964-1969, vol. IV, p. 671-673.

<sup>41</sup> Sobre um comportamento análogo de Poggio, quando eliminou de todos os manuscritos do seu *Liber facetiarum* – aqueles aos quais conseguiu ter acesso – a anedota 81 que tinha suscitado mal-estar junto aos cidadãos de Veneza, cf. PITTALUGA, 2014, p. 152-155.

<sup>42</sup> HARTH, 1984-1987, III, p. 77, 120-123.

<sup>43</sup> FUBINI, 1964-1969, vol. IV, p. 673.

<sup>44</sup> A partir de uma pesquisa superficial que eu conduzi sobre um número reduzido de exemplares, acontece que parte da tradição remonta diretamente ou indiretamente àqueles manuscritos produzidos entre o outono de 1447 e junho de 1450, sobre os quais Poggio chegou não somente a erradicar do *titulus* a fórmula dedicatória com o nome de Alfonso, mas também a cancelar, no texto do *Probemium*, a expressão “*Alfonse rex*”, substituindo-a por “*princeps*”. Nos cinco manuscritos examinados (além dos dois já citados no texto), em três desses (*Vat. lat.* 1803; *Vat. lat.* 1804, *Vat. lat.* 1805), a fórmula dedicatória é, de fato, omitida inteiramente, e, por conseguinte, também a expressão “*Alfonse rex*” é substituída sistematicamente pela expressão mais geral “*princeps*”; por contraste, em dois códices (*Vat. lat.* 1802 e *Vat. lat.* 3401), que evidentemente derivam diretamente ou indiretamente de produtos antígrafos anteriores ao outono de 1447 ou posteriores a junho de 1450, aparecem totalmente conservados seja a fórmula dedicatória “*Ad illustrissimum (ou “optimum”) principem Alfonso Aragonum regem*” no *titulus*, seja a expressão “*Alfonse rex*” no texto do *Probemium*.

- <sup>45</sup> Carta a Francesco Accolti, Roma, inverno de 1448/1449: HARTH, 1984-1987, III, p. 83, 28-29: “*Coepti transferre aliud opus, quod si perfecero, confide te illud comprobaturum*”.
- <sup>46</sup> Carta a Pietro da Noceto, Terranuova, 9 agosto de 1449: HARTH, 1984-1987, III, p. 92, 34-36: “*Preterea dicas domino nostro, me absolvisse Diodori traductionem, daboque operam, ut hic ultimus liber per Dominicum, sicut et ceteri, transcribatur. Postea extremam manum operi imponam [...]*”; carta a Andrea Fiocchi, Terranuova, 12 agosto de 1449: HARTH, 1984-1987, III, p. 96, 47-48: “*me oblecto vacoque ad corrigendum Diodorum, quem iam traduxi, opus dignum omnium lectione*”; carta a Cosimo de’ Medici, Terranuova, 3 setembro 1449: HARTH, 1984-1987, III, p. 102, 15: “*Ego litteris vaco et Diodori emendationi*”.
- <sup>47</sup> Carta a Guarino Veronese, Roma, 7 de dezembro de 1449: HARTH, 1984-1987, III, p. 104, 27-28: “*Itaque Diodorum iam absolvi magno quidem cum labore [...] et, ut existimo, opus tibi placebit, cum non sit ita traductum, ut totus grecus appareat*”.
- <sup>48</sup> Cf., fra gli altri, LOOMIS, 1927; ALBANESE, 2003.
- <sup>49</sup> MONFASANI, 1976, p. 53.
- <sup>50</sup> HARTH, 1984-1987, III, p. 106; MONFASANI, 1976, p. 70 e n. 4.
- <sup>51</sup> WALSER, 1914, p. 501-504 (carta de Trapezunzio a Poggio, Napoli, 1 gennaio de 1453); MONFASANI, 1976, p. 70-71 e n. 7.
- <sup>52</sup> Sobre Cristoforo Garatone cf. PESCE, 1974; MORO, 1999; COHEN-SKALLI, MARCOTTE, 2015, p. 65-66, 83-84.
- <sup>53</sup> Sobre as fontes manuscritas empregadas por Poggio para as traduções de Xenofonte e de Diodoro cfr. COHEN-SKALLI, MARCOTTE, 2015, em particular, p. 65, 71 (para Xenofonte); 79-96 (para Diodoro). Cf. também POMARO, 2010; SIDERI, 2016.
- <sup>54</sup> Texto em FUBINI, 1964-1969, vol. I, pp. 138-155, que eu verifiquei nos mss. *Vat. lat.* 3154, ff. 37r-51v (=A), e *Vat. lat.* 5201, ff. 56v-88v (=B).
- <sup>55</sup> *Ibidem*, p. 138.
- <sup>56</sup> Cf. NICOLINI, 2005, p. 13 e n. 17.
- <sup>57</sup> *Ivi*.
- <sup>58</sup> *Sicut* August., A, B: Sic FUBINI, 1964-1969, vol. I, p.138. Para a citação de Agostinho cf. DOMBART; KALB, 1955.
- <sup>59</sup> *humano permanente animo*, FUBINI, 1964-1969, vol. I, p.138, A, B: *humano animo permanente*, August.
- <sup>60</sup> *Appuleio* B: *Apulei* A *Apuleij* FUBINI, 1964-1969, vol. I, p. 138.
- <sup>61</sup> FUBINI, 1964-1969, vol. I, p. 138.
- <sup>62</sup> Idem, *ibidem*, vol. IV, p. 676.
- <sup>63</sup> Cf. *supra*, p. 8 e n. 21.